

MACABÉA:

## A PALAVRA E O CORPO EM JOGO NA LITERATURA

Leyliane Gomes (Doutoranda em Ciência da Literatura, UFRJ)

### RESUMO

Macabéa, ao descer da calçada para atravessar a rua, é atropelada por um Mercedes amarelo. Da última cena de *A hora da estrela* do último livro de Clarice Lispector, na iminência da morte, a personagem pensa “hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (LISPECTOR, 1998, p. 80). Diante desse paradoxo da narrativa, em que duas pontas opostas são atadas, um elemento faz nó: o Mercedes amarelo, reconhecido por Maca, já caída no chão, como carro de alto luxo cujo símbolo, embora não dito na narrativa, é uma estrela de três pontas. O que estaria em jogo nesse duplo da “estrela” para a construção narrativa? Este trabalho tem por objetivo elaborar essa questão partindo da hipótese de que as estrelas, a do carro e a do título, ao se apresentarem como semelhantes, desenho e corpo, se reapresentam como diferença, marca e significante na cena final da narrativa.

**Palavras-chave:** palavra, corpo, literatura, Macabéa, Clarice Lispector.

## ABSTRACT

Macabea, when going down the sidewalk to cross the street, is hit by a yellow Mercedes. From the last scene of *The Hour of the Star* by Clarice Lispector's last book, on the verge of dying, the character thinks "today is the first day of my life: I was finally born" (LISPECTOR, 1998, 80). Throughout this paradox of narrative, in which two opposing points are tied, an element turns into a knot: the yellow Mercedes, recognized by Maca even fallen on the ground as a high-luxury car whose symbol, although not mentioned in the narrative, has a triple point star. What would be at stake in this double "star" for a narrative construction? This work aims to elaborate this question starting from the hypothesis that the stars, either the car or the title, when presenting themselves as similar in design and body, are reintroduced as different elements and signifiers in the final scene of the narrative.

**Keywords:** Word, body, literature, Macabéa, Clarice Lispector.

## MACABÉA: A TERCEIRA PONTA DA ESTRELA

Macabéa, ao descer da calçada para atravessar a rua, é atropelada por um Mercedes amarelo. Da última cena de *A hora da estrela* do último livro de Clarice Lispector, na iminência da morte, a personagem pensa “hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci.” (LISPECTOR, 1998, p. 80). Diante desse paradoxo da narrativa, em que duas pontas opostas são atadas, um elemento faz nó: o Mercedes amarelo, reconhecido por Maca, já caída no chão, como carro de alto luxo cujo símbolo, embora não dito na narrativa, é uma estrela de três pontas. Faço um recorte e começo pelo final trazendo à luz a última cena de *A hora da estrela*. Macabéa, pegando dinheiro emprestado e inventando dor de dente para faltar o trabalho, decide ir a uma cartomante, chamada madama Carlota.

Embora Macabéa tenha cometido os atos de, primeiramente, faltar o trabalho; depois, aceitar o dinheiro e, em seguida, ir à cartomante, marcando aquilo que o próprio narrador destaca “Macabéa, que nunca se lembrava de pedir, pediu licença ao chefe” (LISPECTOR, 1998, p. 71), é diante do apartamento de madama Carlota que a nordestina, mais uma vez, prova de sua quase inexistência: “O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim – ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante.” (LISPECTOR, 1998, p. 72). No parágrafo seguinte à observação de Macabéa, a cartomante fala a sua cliente:

– O meu guia já tinha me avisado que você vinha me ver, minha queridinha. Como é mesmo o seu nome? Ah, é? É muito lindo. Entre, meu benzinho. Tenho uma cliente na salinha dos fundos, você espera aqui. Aceita um cafezinho, minha florzinha? (LISPECTOR, 1998 p. 72)

Da fala da cartomante, saltam os ‘-inhos’ (queridinha, benzinho, salinha, cafezinho, florzinha), que, para Macabéa assustada, soaram como expressão de carinho. Mas seria isso mesmo? Carinho, afeto, gentileza de uma desconhecida e logo por Maca? Poderia ser também artimanha de quem quer agradar ao cliente, forçando uma intimidade para comprá-lo ou fazê-lo comprar. Mas também seria isso? Em se tratando da escrita de Clarice Lispector, a leitura não pode ser somente isso, afinal, enquanto esperava para ser atendida,

[348] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Macabéa: a palavra e o corpo...”, p. 346 – 352. ISSN

Macabéa tomou café frio e amargo, descrição contraditória ao tom de carinho tomado por ela.

Ao ‘-inho’ de Maca e ao ‘-inho’ de madama Carlota, leio, por uma terceira perspectiva, esse sufixo, por efeito das páginas anteriores da história, como o fim de palavras que confirmam, antes do fim da personagem, a vaga existência e a vivência num limbo impessoal, o seu viver ralo que tinha por única companhia a dor de dente; que confirmam, ainda, a incompetência para a vida, por ser um parafuso dispensável em uma sociedade técnica e por ter um nome que até parece doença de pele – palavras de Rodrigo S. M. e Olímpico de Jesus.

A nordestina segue agora já diante da cartomante que lhe diz “- não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha.” (LISPECTOR, 1998, p. 72). Após longos relatos de sua vida pessoal, madama Carlota manda Macabéa cortar as cartas, o que é feito com mãos trêmulas, e exclama a vida horrível da datilógrafa:

– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!  
Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim. (LISPECTOR, 1998 p. 76)

Se para o leitor não fora surpresa o que a cartomante falou à nordestina, para esta, ocorreu como uma grande revelação. Embora tivesse uma vida miserável sendo maltratada pelas poucas pessoas a sua volta, é através da cartomante que essa miserabilidade é tornada consciente: “A personagem é caracterizada por um não saber que antecederia o ciclo de uma construção e de uma consciência humana” (HOMEM, 2015, p. 113).

Seguindo a perspectiva de Maria Lúcia Homem sobre esse momento de descoberta de Macabéa de sua própria vida pela fala de um outro, questiono se Clarice Lispector, ao matar Macabéa, não o teria feito por, justamente, o próprio narrar não sustentar aquela que era grávida de futuro, mas tinha ovários murchos. Ou, na contramão desse questionamento, Clarice, com a morte da moça nordestina, teria constatado que não há mais nada a dizer,

[349] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Macabéa: a palavra e o corpo...”, p. 346 – 352. ISSN

teria constatado o fim da linha da personagem... e também seu próprio fim. O espanto de Macabéa também dá a ver uma alienação que

Traz em si algo de inquieto: um “não sei de mim” inconsciente na maior parte do tempo, mas pulsando e incomodando. Quando não é mais recalcado, vencendo as forças que levavam o conteúdo à exclusão do âmbito da consciência, ele ‘explode’ e o sujeito se confronta com sua falta: ‘não sei o que sou, não sei quem sou’. [...] O ‘ não saber’, coadunado ao ‘não sentido’, revela-se operador fundamental do *modo de ser no mundo* da personagem e aponta, em última instância, para o *não sentido* radical do *ser no mundo* [...]. O instante de saber, o instante de brilho é seguido da queda no escuro do atropelamento, término abrupto do processo de questionamento mais intenso que acabara de se iniciar – fim e morte. (HOMEM, 2015, p. 121-122)

Macabéa se depara, em uma espécie de jogo especular, com uma vida, embora vivida, desconhecida dela mesma, o que a fez empalidecer e espantar-se com a perda que acabara de sofrer e, mais do que isso, teria de viver tudo que uma perda implica perder.

Madama Carlota, depois da fala trágica sobre a vida da moça nordestina, enche-a de esperança prevendo-lhe grandes e boas notícias. É mais uma vez pela voz de um outro que Maca tem uma vida: “Sobretudo estava conhecendo pela primeira vez o que os outros chamavam de paixão: estava apaixonada por Hans.” (LISPECTOR, 1998 p. 78). No entanto, é entre o claro e o escuro<sup>1</sup> que a sentença de vida, dada pela cartomante, é atada à ponta da morte quando Macabéa é atropelada por um carro e volta a ver, agora por outro ângulo, o capim que notara ao chegar à frente do apartamento de madama Carlota, o mesmo capim, pequeno e insignificante.

É do mesmo nível do capim ralo e das pedras do esgoto na iminência da morte que a personagem “pensa” ter nascido e o destaque do verbo “pensar” faz-se importante, pois confirma que a fala própria de Macabéa é impossível até mesmo no momento de sua morte. O responsável por bater em Maca e lançá-la ao chão não é qualquer carro, é um Mercedes,

---

<sup>1</sup> “Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo – crepúsculo que é hora de ninguém” (LISPECTOR, 1998, p. 79)

carro caro e de alto luxo cujo símbolo é uma estrela de três pontas. Estas três pontas também não passam despercebidas, uma vez que “A hora da estrela” é marcada pelo número três: Clarice, Rodrigo S.M. e Macabéa; Olímpico de Jesus, Macabéa e Glória; a narrativa de Macabéa, a narrativa de Rodrigo S. M. e a narrativa da própria narrativa. E é dessa inscrição tripla que é possível pensar as instâncias do Real, do Simbólico e do Imaginário postas pelo psicanalista francês Jacques Lacan em seus seminários sempre em um retorno à obra de Sigmund Freud de que tratarei em outro momento da pesquisa.

Além do encontro do nascimento e da morte da nordestina, há outro encontro: o início e o fim da narrativa a partir de uma das palavras do título “estrela” e o símbolo da marca do Mercedes amarelo. Por um viés mais social, Maria Lúcia Homem comenta sobre o carro que atropela Macabéa:

Macabéa não é morta por um carro qualquer, mas por um Mercedes, objeto idealizado e valorizado no âmbito social, cujo símbolo é bastante conhecido, emblema estelar da marca fetiche do capital. Assim, temos aqui, mais uma vez, uma estrela – e ainda deparamos com o fato de que Macabéa é literalmente esmagada pela alta burguesia, da qual era excluída, de forma radical. (HOMEM, 2015, p. 125)

Nesse sentido, em um jogo de semelhanças, tanto a estrela do título quanto a estrela do carro, a princípio, engendram-se como símbolo de ostentação, momento de brilho e esplendor. Entretanto, é no decorrer da construção narrativa, culminando na cena do atropelamento, que aquilo que se apresenta como semelhança se reapresenta enquanto significantes da diferença, uma vez que o que era símbolo de riqueza e vida é transmutado, de forma irônica, em marca de morte e sarjeta. Ou, em outras palavras, o que ainda se fazia simbólico pela esperança de Maca por, justamente, tentar dizer evidencia-se por um corpo jogado no chão, definitivamente, sem palavras, nem mesmo a dos outros.

## REFERÊNCIAS

HOMEM, Maria Lúcia. **No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector**. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: A angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Versão final de Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.